

Mulher descascada

“Hillé era turva, não?”

um susto que adquiriu compreensão”

(*A obscena senhora D*)

Sou uma antes de Hilda Hilst, e outra depois. Antes era uma adolescente um tanto entediada, sentindo-se exilada do excitante mundo lá fora, lugar que parecia sempre deslumbroso (sic, sic, sic!) destino. E eu enquanto isso perdendo a vida, deixando escorrer pelos dedos cada segundo de experiências antes de topar, numa trivial revista feminina, com a escritora da Casa do Sol. Foi numa entrevista que nos conhecemos. Eu e ela, a velha, a bruxa, a mulher que traçou boa parte do meu caminho. Estava lá, na conversa publicada pela *Marie Claire*, o espanto em forma de cérebro. Naqueles diálogos quem falava era a inteligência brilhante, a arte pura e translúcida, sem opacidades. Era Hilda, estrela Aldebarã. Como Drummond, me apaixonei por ela.

Mais de vinte anos se passaram de lá para cá, tempo suficiente para que eu lesse a sua obra completa, prosa e poesia, e fica me faltando apenas a dramaturgia. *Bufólicas*, *Rútilos*, *O caderno rosa de Lori Lamby*, *Com os meus olhos de cão*, *Cartas de um Sedutor*, *Tu não te moves de ti*, *Baladas*; *Júbilo*, *Memória*, *Noviciado da Paixão*: estão todos na estante, um pouco amarelados, marcados por dentro, manchados de lágrimas até. Amados. Tive vontade de abraçar cada um deles depois da leitura, e não o devo ter feito por medo de amassá-los. Aqueles livros me constituem na paixão e na alma, e foi seguindo os seus rastros, as suas dobras, os seus aguados, que comecei a escrever por mim mesma. Rascunhei as minhas primeiras leis, e também as minhas primeiras linhas de verdade. Eu queria ser a Hilda Hilst quando crescesse.

Continuo querendo. O tempo passou e não sei se cresci muito além da fita métrica, mas dei passos de que gosto e marco por isso as pegadas. Um deles foi o de ter ido ao encontro da filosofia e assim ter descoberto, na produção literária, certa via de comunhão entre razão e sensibilidade. De repente, na criação de um romance, o pensamento se unia a tudo que era, antes, acessado apenas por teias da sensibilidade como a poesia. Num movimento que eu mesma não sabia explicar, o que aprendera de Descartes, Kant e Bachelard num grupo de estudos estava dialogando com o cerne de um romance. Eu encontrara um estilo de literatura. Alguns o chamam de novela filosófica. Eu chamo também de sorte de, em determinado escopo do espaço e tempo, encontrar a própria voz.

“Técnica é o homem por inteiro”, já disse Stravinsky, e leio ainda nessa frase que a técnica, quando inteira, é pura arte, é *techné*. Parece simples afirmar isso dessa forma despojada e quase inconsequente, mas precisei reler um dos livros de Hilst para entender isso de verdade.

Na segunda leitura de *A Obscena Senhora D*, passados aqueles mais de vinte anos depois do primeiro encontro, chorei como da primeira vez. Bastou deparar-me de novo com “quadrados negros pontilhados de negro – alguém-mulher caminhando levíssima entre as gentes, olhando fixamente as caras, detendo-se no aquoso das córneas, no maldito brilho” para os olhos, os meus, aguarem como nunca. Era eu de novo recebendo a acolhida daquela mulher que sofria das mesmas angústias. Virar as páginas era ter a sensação de estar ladeada por uma amiga mais experiente, mulher mais madura do que eu mostrando não-caminhos e assombros das gentes, me conduzindo pela mão direita lá pra fora, a rua, lá onde acontecem coisas negras e opacas e difíceis mas a vida é essa mesmo, diz Ehad, o marido de Hillé, mulher que decide permanecer num vão de escada. Lá ela pensava melhor.

Desta vez, no entanto, as lágrimas da leitura foram ficando menos salgadas a medida em que o livro, “relato contundente de uma inteligência que desaprende a conceder”, me explica a orelha, ia chegando ao fim. E então pulei para trás e reli a abertura:

Respiro e persigo
uma luz de outras vidas.

E ainda que as janelas se fechem, meu pai
É certo que amanhece.

Ela persegue uma luz de outras vidas, tarefa insalubre e assombrada. Mas ela *respira*. E ainda que as janelas se fechem, ela diz a seu pai ter com ela a certeza do amanhecer. A luz, aqui, aparece. O que na primeira leitura era só dor de luto e escuridão aparece agora como uma lufada de otimismo. É certo que amanhece. É certo que falar de algo trágico como a morte pode ser não só belo, mas também encorajador. É certo e claro, de repente, que é pela morte, pelo “acontecível isso de alguém ser muito e ao mesmo tempo nada”, que ela pode falar da vida. Ao final do livro, amanhece.

“Tens uma máscara, amor, violenta e lívida, te olhar é adentrar-se na vertigem do nada, iremos juntos num todo lacunoso se o teu silêncio se fizer o meu, porisso falo falo, para te exorcizar, porisso trabalho com as palavras, também para me exorcizar a mim, quebram-se os duros dos abismos, um nascível irrompe nessa molhadura de fonemas, sílabas, um nascível de luz, ausente de angústia”¹

Um nascível de luz. Aqui a angústia se aquieta. Se cala e dá espaço para que os duros da vida, as paredes altas se quebrem. Com os cacos no chão, dela e do marido morto, ela abre a janela. Não aquela de onde

¹ Hilst, Hilda. *A Obscena Senhora D*. SP: Globo, 2001, p. 55.

aterroriza os vizinhos, mas a janela interna, aquela sempre aberta ao Deus de vários nomes, um deles sendo o Porco-menino.

Hilst conversa, nesse livro, com sua própria literatura, personificada em Ehad. E só porque enfrenta a morte de perto que ela pode ter, como interlocutor imaginário, a vida luminosa e reluzente. “Há uns vivos lá dentro além da palavra”: essa vida é a literatura, é a sua arte. É por causa dela, dessa arte que enxerga vida dentro das palavras, que um livro à primeira vista depressivo e cheio de negritude, pornográfico até para alguns, pode ser tão cheio de vida. Sua obscenidade é a lucidez.

“Longa breve plena vida bastando para a vida, porque esperar demais se as coisas estão aí à sua frente?” pergunta a filha o pai de Hillé. “e... filha... ainda fechando as janelas, curvando a nuca, sozinha nesta escuridão, o que te parece parco e pequenino, um filete de vida desaguando magro sobre toda tua superfície de carne e víscera, ainda isso é pleno e basta para a vida, Hillé, perguntar não amansa o coração”, diz o pai, a lembrança do pai esquizofrênico-paranoico com quem Hilda teve, na adolescência, diálogos parecidos. Isso depois de, certa vez, ele ter pedido que ela mostrasse a sua carteira de identidade. Era preciso acreditar que ela fosse sua filha.

Hilda não precisa de carteiras de identidade. Ela sabe ser uma escritora maravilhosa, cujo texto de ficção, deslumbrante, é “da pessoa ficar gozando o tempo todo”. Sua loucura é de desejos por utopia, sua marca registrada é o fôlego diante do impensável. Mas, principalmente, e reparo isso apenas agora numa segunda leitura amparada por Schiller, na fundação de sua teia está uma técnica magistral.

A abertura que fala do amanhecer apesar das janelas fechadas não está lá à toa. Não surgiu do nada, por pura inspiração errante. Ela foi rigorosamente planejada. Ela está ali para avisar que a dor é indissociável da alegria, e que é encarando a morte, sim, sem disfarces nem subterfúgios, sem nenhuma camada de proteção à sensibilidade, que se chega à vida

transluzente. É enfrentando os pontilhados de negro que se vê o dia amanhecer.

O nome disso é técnica, ao mesmo tempo suporte e produto do estilo, princípio imperativo categórico das artes. É o que permite que Hillé perceba, no diálogo com a literatura e a morte, que não há nada dentro das conchas, mas que ainda assim é permitido abri-las. “E o que foi a vida? Uma aventura obscena, de tão lúcida”, lhe diz seu pai, também morto. E o que pode ser tudo isso, toda essa derrelição comovente, senão o bom, velho e puro estilo, aquele realmente capaz de transmitir uma ideia aparentemente sem nenhum esforço?

Foi só quando identifiquei esse estilo que entendi melhor a ideia e percebi uma nova janela do livro. Finalmente entrou um filete de luz da manhã, coerente afinal com a escritora que largou a boemia paulistana para morar na Casa do Sol e se dedicar com afinco à literatura. “Estendemos as teias e desejamos que o outro faça parte delas, não para devorá-lo, mas para que sinta perplexidade e faça a pergunta”, diz a escritora em uma das muitas entrevistas concedidas na sua vida. Sua arte, emancipada, está a seu serviço, florescendo na decadência e refletindo os dramas de sua época.

Conduzir alguém a fazer a pergunta também faz parte do seu estilo, e talvez, numa terceira leitura, eu viesse a fazer perguntas diferentes. Mas fato é que encontrei respostas, e dei de cara com o sublime no corajoso confronto com a morte.

“Me vem também, Senhor, que de um certo modo, não sei como, me vem que muito desejás ser Hillé, um atormentado ser humano. E SENTIR. Ainda que seja o aguilhão de um roxo-encarnado aparentemente sem vivez.”²

Deus nos subjuga com a morte, mas, de certa forma, nos inveja, e as letras maiúsculas também não estão lá à toa. Está aí, acredito, uma visão

² Ibidem, p. 88.

sublime da morte, que não dá trégua à ideia de imortalidade, seja ela qual for, religiosa, espiritual, moral ou mesmo poética. Não há aqui nenhum fundamento de tranquilização para nosso impulso de continuidade, portanto, para nossa sensibilidade. Aqui a ideia de imortalidade não se torna dominante no ânimo, o que, segundo Schiller, faria com que a morte perdesse o que há de *temível*, fazendo desaparecer assim o *sublime*. O sublime não se funda jamais sobre a satisfação dos nossos impulsos. O objeto sublime nos faz, afirma Schiller, em primeiro lugar, sentir nossa dependência enquanto seres naturais ao tornar para nós conhecida, em segundo lugar, a independência que mantemos, enquanto seres racionais, com relação à natureza tanto *em* nós quanto *fora* de nós.³

O alvo de Hilst, poderia dizer Schiller, é idêntico àquilo pelo que de mais elevado o homem tem de lutar: “ser livre de paixão, sempre olhar com clareza e tranquilidade à sua volta e em si, encontrar em toda parte mais acaso que destino, e antes rir do disparate que enfurecer-se com a maldade ou por ela chorar”⁴.

Hillé não conversa com Deus pedindo conforto ou compreensão. Ela lhe fala de igual para igual. Deus quer ser Hillé, mulher que sente, que recorta seus peixes de papel e por isso, do seu mundo generoso construído no vão de uma escada, escreve. Mesmo sabendo que vai morrer. É por aceitar a morte, aliás, que ela celebra a vida.

“(…) A divindade é sublime de modo dinâmico quando representada como um poder que pode suspender nossa *existência*, mas que, enquanto a tivermos, não pode ter qualquer influência sobre as ações da nossa razão – e somente a religião que fornece essa representação da divindade carrega em si o selo da sublimidade”⁵

³ Schiller, Friedrich. *Do sublime ao trágico*. BH: Autêntica Editora, p. 21.

⁴ _____ *Poesia ingênua e sentimental*.

⁵ _____ *Do sublime ao trágico*. BH: Autêntica Editora, 2011, p.37

A religião de Hilda é sua literatura, razão conciliada com a sensibilidade. É ela que lhe abre as janelas, é por ela que se conhece a luz que cega e ao mesmo tempo aquieta. É o olhar lúcido e sem opacidades. Obsceno de tão lúcido, de tão livre. A própria vida é obscena, é tudo que se passa também fora da cena, com tudo que não se vê do palco, com funduras indizíveis das coxias.

O sagrado, em Hilst, em toda a sua obra, principalmente na erótica, está na palavra, aquela que, quando diz do mundo com voz grossa, perturba o raciocínio e faz quase parar o coração. Sobrevivemos num sopro para voltarmos sempre melhores. Descascados e socados no estômago, estivemos frente a frente com o Sublime.

“Posso blasfemar muito, mas o meu negócio é o sagrado. É Deus mesmo, meu negócio é com Deus”

Hilda Hilst

Referências Bibliográficas

- Hilst, Hilda. *A obscena senhora D*. SP: Globo, 2001.
- Diniz, Cristiano (Org.) *Fico besta quando me entendem*. Entrevistas com Hilda Hilst. SP: Globo, 2013.
- Schiller, Friedrich. *Do Sublime ao Trágico*. BH: Autêntica Editora, 2011.